

FRANKENSTEIN CREATED WOMAN / 1966

(Frankenstein Criou Uma Mulher)

um filme de Terence Fisher

Realização: Terence Fisher / **Argumento:** John Elder **Fotografia:** Arthur Grant / **Montagem:** Spencer Reeve / **Direcção Artística:** Bernard Robinson / **Efeitos Especiais:** Les Bowie / **Música:** James Bernard / **Maquilhagem:** George Partleton / **Som:** Roy Hyde / **Intérpretes:** Peter Cushing (Barão de Frankenstein), Susan Denberg (Christina), Thorley Walters (Dr. Hertz), Robert Morris (Hans), Duncan Lamont (o condenado), Peter Blythe (Anton), Barry Warren (Karl), Derek Fowldes (Johann), Alan MacNaughtan (Kleve), Peter Madden (Chefe da polícia), Philip Ray ("Mayor"), Ivan Beavis (Proprietário), Colin Jeavons (Padre), Bartlett Mullins, Alec Mango.

Produção: Anthony Nelson Keys para a Hammer / **Cópia:** Digital, cores, com legendas eletrónicas em português, 92 minutos / **Estreia Mundial:** Junho de 1967 / **Estreia em Portugal:** Olímpia, em 17 de Março de 1969.

Nos anos 30 foi a Universal que explorou melhor os medos e angústias que a crise fizera crescer na população americana, dando-lhe um meio de os exorcizar na tela através dos filmes de terror. **Dracula** e **Frankenstein** foram as primeiras apostas triunfantes e o resto é o que se sabe. Mas a pouco e pouco entraram na rotina, tornaram-se "membros da família" que divertem mais do que incomodam. Daí que, esgotado o filão, a galeria de monstros tenha passado a actuar em conjunto (**House of Dracula** e **House of Frankenstein**) ou a ser alvo de paródias (**Abbott and Costello Meet Frankenstein**) até quase se extinguirem em fins da década de 40. Os anos 50 são de outros monstros, mas também eles gerados por medos latentes e/ou inconscientes, neste caso a energia do átomo, por um lado, o medo do comunismo, por outro: seres que vêm do espaço e monstros que vêm do passado dominam agora os ecrãs americanos. As figuras clássicas estão praticamente esquecidas. Uma pequena companhia britânica resolveu tentar a sorte com uma nova versão da história de Frankenstein em 1957. O resultado foi **The Curse of Frankenstein** que transformou o investimento de 80 mil libras em lucros superiores a meio milhão em pouco tempo, fez da Hammer uma companhia conhecida e internacional, ressuscitou praticamente todos os monstros clássicos durante uma década e, *last but not least* deu origem a uma série de figuras de referência, do realizador Terence Fisher aos actores Peter Cushing e Christopher Lee. Os dois personagens mais fiéis do surto do fantástico britânico foram Frankenstein e Dracula com séries extensas. A que nos interessa neste caso teve sete títulos de que apenas dois (**Evil of Frankenstein** e **The Horror of Frankenstein**) não foram dirigidos por Fisher, e só um (**The Horror...**) não teve Peter Cushing como intérprete.

Em que se distingue a série da Hammer em relação à da Universal, se, no fim de contas, ambas pouco têm a ver com o romance de Mary Wollstonecraft Shelley que as inspira? O que é, desde logo, flagrante é o desvio de perspectiva. A série da Universal centra-se na figura do monstro, da criatura, que vai passando uniforme de filme para filme, enquanto a da Hammer se centra na do criador, o barão de Frankenstein. Ao longo da primeira, portanto, a imagem do monstro é semelhante. Mesmo quando mudam os intérpretes, de Karloff a Glenn Strange, passando por Chaney e Lugosi, a maquilhagem é igual para destacar a identidade da personagem, e cada novo filme mostra como o monstro sobreviveu ao cataclismo que o vitimou no filme anterior, sendo ressuscitado por um novo sábio (que pode ser, ou não, herdeiro do barão). Ao longo da segunda série é o barão que passa de filme para filme (e cada um mostra como ele se salvou do fim

aparente do anterior), e em cada um deles volta às experiências e à criação de uma nova criatura. Descentrando deste modo a personagem dos filmes, a série da Hammer altera radicalmente também o olhar filosófico e ideológico sobre a questão que nestes filmes se coloca: o confronto entre a ciência e a superstição e o combate difícil da primeira para se impor face aos preconceitos, questão que hoje está tão presente como o estava na década de cinquenta, agora à volta dos problemas da manipulação genética.

Para o cientista da Hammer a investigação e o saber é tudo, e o resto é acessório. Frankenstein não se debate perante dilemas éticos ou de consciência. Em nome da ciência e do avanço do conhecimento tudo é válido e questões como fé e religião (dominantes na primeira série) não têm aqui lugar. Em **Frankenstein Created Woman** há uma cena significativa, que tem lugar durante o julgamento de Hans, durante testemunho que o barão presta no tribunal. Frankenstein enquanto ouve a pergunta do acusador folheia de forma negligente a Bíblia que se encontra à sua frente, para a fechar com um gesto de enfado e pedir rapidez na questão porque tem muito trabalho para fazer. A mesma atitude encontramos em **The Curse of Frankenstein** quando o barão em jovem se encontra na faculdade. O corpo, para o barão, não é mais do que um instrumento de trabalho, atitude que é ainda mais claramente exposta em **The Revenge of Frankenstein**, com o barão, agora com o nome de Dr. Stein, dirigindo uma clínica de pobres. No fim de contas a série precisa de um visionamento seguido para melhor nos apercebermos das mutações da personagem e da sede de saber sobre a essência da vida, para a qual a criação de seres é apenas um meio, e não um fim como acontecia na série da Universal. Feito sem perspectivas de continuação **The Curse of Frankenstein** terminava com o guilhotinamento do barão. A economia de meios (e também a vigilância da censura, que não gostou nada do filme) fez com que a execução nunca fosse mostrada, apenas sugerida numa rápida elipse. Isto facilitou a produção da sequência que começa com a substituição do barão pelo padre que o acompanha pelos cúmplices do primeiro. **Frankenstein Created Woman** é o quarto filme da série. O barão sobrevivera a um linchamento no segundo e o terceiro (dirigido por Freddie Francis), procurando fugir à imagem de marca, termina com a "criatura" levando consigo o barão para a casa em chamas. Daí que Fisher ao retomar a personagem não explique como se salvou, mas mostre as sequelas do acontecimento sobre o barão, forçado a usar luvas e de movimentos dificultados, necessitando da ajuda de um médico facilmente manipulável, meio inocente, meio bonacheirão (Thorley Walters é um evidente sucedâneo do Nigel Bruce de características semelhantes e parceiro de outro génio, Sherlock Holmes/Basil Rathbone na série sobre o detective criado por Conan Doyle). O quarto filme introduz uma variante notável na série. O objectivo do barão já não é apenas recriar a vida a partir de matéria morta, mas sim a de procurar a própria alma, capturá-la, para poder então colocá-la num corpo novo, no que seria a essência da imortalidade (o tema ocupava também o cinema americano, a partir de experiências de transplantação do cérebro em filme como **Donovan's Brain** ou **Colossus of New York**). De tal modo que o corpo em si mesmo já pouco interessa ao barão: usando o da jovem Christina que se afogara e rapidamente sarando-lhe as deformações físicas de modo a poder alojar a alma do seu amado. Aqui se introduz outro tema que não sendo inédito no cinema, surge em **Frankenstein Created Woman** de uma nova forma: o do andrógino: o corpo feminino de Christina aloja a alma masculina de Hans. Os dois apaixonados formam agora um só ser, juntos para o mesmo fim: a vingança sobre os três responsáveis pela tragédia. O barão fica, deste modo, à margem, torna-se personagem secundário e só voltará a tomar uma certa importância no final na perseguição a Christina. Esta subalternização do barão explica, em parte, o final, pois tudo passa a seu lado, incapaz que é de controlar os acontecimentos. É, de toda a série (e não só da Hammer) o final mais irónico e surpreendente, com o encolher de ombros do barão e o seu voltar de costas para a câmara, como quem diz: "*acabou-se, voltemos ao trabalho*". Como acontecerá, dois anos depois com nova aventura, sugestivamente intitulada **Frankenstein Must Be Destroyed!**

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico